

HUSSERL SOCRÁTICO: LEITURA ÉTICO-EXISTENCIAL DA FENOMENOLOGIA

[SOCRATIC HUSSERL: ETHICAL-EXISTENTIAL READING OF PHENOMENOLOGY]

Marcelo Fabri

fabri.ufsm@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4712-8207>

Professor aposentado do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria. Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1985), mestrado em Educação (filosofia da educação) pela Universidade Estadual de Campinas (1989) e doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (1995). Realizou estágio pós-doutoral na Università di Catania (Itália), de outubro de 2004 a julho de 2005.

DOI: [10.25244/1984-5561.2025.7899](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2025.7899)

Recebido em: 4 de julho de 2025. Aprovado em: 4 de agosto de 2025

Caicó, ano 18, n. 2, 2025, p. 23-33

ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2025.7899](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2025.7899)

Dossiê Edmund Husserl



Husserl socrático: Leitura ético-existencial da fenomenologia
FABRI, Marcelo

Resumo: O artigo propõe uma interpretação ético-existencial da fenomenologia de Husserl, filósofo que se aproxima do ideal socrático de uma vida guiada pela razão. A fenomenologia, em sua ânsia por evidências, supõe que a busca pela verdade é inseparável da responsabilidade pelo que é bom e justo. Em um mundo que perdeu a fé na razão e está repleto de atos perversos, Husserl, assim como Sócrates, ensina que devemos permanecer vigilantes quanto à nossa possível cumplicidade com o mal. Ressaltamos, em conclusão, que no fundo da atitude fenomenológica proposta por Husserl há a exigência de uma incansável luta ético-existencial contra o niilismo.

Palavras-chave: Fenomenologia. Ética. Evidência. Normatividade. Verdade.

Abstract: This article proposes an ethical-existential interpretation of Husserl's phenomenology, a philosopher who approaches the Socratic ideal of a life guided by reason. Phenomenology, in its eagerness for evidence, assumes that the search for truth is inseparable from the responsibility for what is good and just. In a world that has lost faith in reason and is full of evil acts, Husserl, like Socrates, teaches that we must remain vigilant regarding our possible complicity with evil. We emphasize, in conclusion, that at the heart of the phenomenological attitude proposed by Husserl there is the demand for a tireless ethical-existential struggle against nihilism.

Keywords: Phenomenology. Ethics. Evidence. Normativity. Truth.

Toda autêntica filosofia, por mais devotada que esteja a problemas teóricos, possui implicações práticas cuja riqueza se pode evidenciar e, se for o caso, acolher. São as chamadas questões vitais: o que é o ser humano, o sentido da existência, a orientação no mundo, nossa relação com o divino. Conhecimentos objetivos ou científicos não oferecem respostas a tais questões. A filosofia contemporânea, em boa medida, abandonou-as, detendo-se com extremo rigor em problemas de linguagem, de epistemologia e de lógica. As questões vitais ficaram um tanto esquecidas, muitas vezes tomadas como algo “metafísico” ou “subjetivo”, e quem a elas se dedica corre o risco de estar cometendo uma gafe. Risco que o próprio Sócrates, em sua época, enfrentou heroicamente. Quando, no *Górgias*, Cálicles afirma que é vergonhoso se ocupar de filosofia, exceto quando se está ainda numa fase pueril da vida, Sócrates é o alvo principal da crítica. Mas a verdade é que nem mesmo um sofista pode recusar a importância da pergunta sobre “o que o homem deve ser e a que ele deve aplicar-se”, seja na juventude, seja na velhice (cf. Platão, 2002, 488 a, p. 187). Alguns filósofos contemporâneos, chamados “continentais”, tentaram e ainda tentam prolongar a pergunta pelo que “mais importa” em nossas atitudes diante da vida e do mundo, mas são frequentemente acusados de se manterem pouco consistentes no que se refere ao rigor e à precisão que a argumentação filosófica requer. Tendo em vista esse estado de coisas, perguntamos: poderia a fenomenologia apresentar-se como pensamento unificado e ordenado, capaz de enfrentar a pergunta pela orientação filosófica da vida? Tal é a nosso juízo (apoiado como se verá em alguns autores atuais que consideramos importantes) a herança socrática assumida por Husserl, fato que confere enorme atualidade a seu pensamento. A tarefa da fenomenologia é socrática na medida em que não pode contornar o compromisso com a interrogação sobre o que dizemos e pensamos, sobre nossas supostas certezas e nossas decisões, sejam elas públicas ou não (cf. Monticelli, 2018, p. 17). A fome de evidência e o compromisso com a justificação racional lançam a fenomenologia numa busca de verdade inseparável da responsabilidade ética pelo bom e pelo justo, especialmente num mundo atravessado e ameaçado pela perda de confiança em si mesmo e na cultura, bem como pela abundância de atos perversos, que mostram nossa possível e sempre iminente cumplicidade com o mal.

1 RENOVANDO A ASPIRAÇÃO SOCRÁTICA

Sócrates inquietava-se com as perguntas sobre o destino dos homens. Seu ponto de partida era uma espécie de suspensão ou abstenção: não pretender participar nem da suposta sabedoria nem da notável ignorância dos homens. Manter-se “separado” ou “em suspensão” com respeito a tudo o que se presumia saber, nas várias atividades e conhecimentos humanos. Sua missão era interrogar os supostamente sábios, ver até que ponto as verdades presumidas condicionam seus atos. Pois somente a divindade é verdadeiramente sábia. Mais importante que a morte é saber se minha vida foi ou não marcada por atos justos ou injustos, se vivi ou não com aspiração a verdades, mais do que a honrarias, prazeres e recursos materiais. O que mais importa é o aperfeiçoamento da alma (cf. Platão, 2015, 22d-30c). Ao homem cabe a seguinte posição: ele não possui, apenas deseja a sabedoria própria à divindade. Não há dinheiro que possa comprar a excelência humana. Nenhuma técnica pode proporcionar a excelência humana. É preciso procurá-la, conversando, dialogando, questionando sempre. A pior coisa que nos pode acontecer vem de dentro de nós: a realização do mal moral. O modo de vida e de

sabedoria que Sócrates inaugura é este: somente a bondade conduz às portas da sabedoria¹ (cf. García-Baró. 2009, p. 65-71). A tese que nos vai interessar, a esse respeito, vem de Husserl: Sócrates é uma espécie de reformador prático quando reage ao ceticismo da sofística. Sua proposta ética é uma vida fundada na razão. Trata-se de uma

Vida em que o homem exercita, numa incessante autorreflexão e num radical dar razão (*Rechenschaftsabgabe*), uma crítica – uma crítica que desenvolve uma análise convincente – dos próprios fins vitais e, portanto, mediada por ela, uma crítica das próprias vias e dos próprios meios vitais (Husserl, 1999, p. 34).

O desafio é buscar a fonte originária, vale dizer, é retornar metodicamente à fonte do próprio conhecimento que se pretende possuir. O que importa, portanto, é a evidência, a visão intuitiva, a clareza. O filósofo aspira ao esclarecimento mais completo possível das crenças, convicções e valores que guiam as ações humanas. O que torna o homem infeliz é viver na obscuridade, na falta de razão. O saber autêntico, obtido na plena evidência, é condição para a autorrealização humana (cf. Husserl, 1999, p. 35). Eis que é preciso encontrar a normatividade capaz de legitimar a vida segundo as leis da razão. Em que medida o que ocorre no âmbito factual e acidental passa a assumir a condição de norma para um caso singular específico? Tanto a vida racional em sentido amplo quanto a atividade teórica em sentido científico fundam-se numa espécie de visão intuitiva (cf. Husserl, 1999, p. 37). Husserl está socraticamente (eticamente) orientado pela pergunta sobre uma civilização democrática. Como assim? Inspirado em Sócrates, ele indaga sobre a ideia normativa a partir do “exercício cotidiano de cognição, juízo, crítica e autonomia por parte dos indivíduos” (Monticelli, 2018, p. 47). O que se busca é sempre o “ver evidente” e a justificação.

Husserl renova a aspiração socrática. Se a filosofia tem como tarefa interrogar sobre o que dizemos e fazemos, ou seja, pelas supostas certezas ou decisões que tomamos, tal busca não se baseia em projeções subjetivas, não busca se impor ao mundo e aos outros, mas sim acolher o “dom dos vínculos”². Não somos nós que colocamos vínculos nas coisas que se mostram. Eles simplesmente se *doam* a nós. Um exemplo: a possibilidade de certos fenômenos nos serem dados na evidência apenas como partes de um todo, e não como separados deste todo, não é um simples fato, mas uma necessidade de essência. Há conteúdos que se dão a nós como dependentes do todo a que pertencem, ao passo que posso muito bem representar-me separadamente, até mesmo pela fantasia, a capa de um livro, o aroma de uma flor, o rosto de alguém que amo. Mas há conteúdos que não podem ser dados separadamente em relação a outros conteúdos, nem mesmo por imaginação. A cor da capa de meu

¹ Nossa gratidão ao professor Miguel García-Baró, grande especialista e entusiasta de Husserl e Sócrates. Ele nos inspira em nossa reflexão. Seus escritos são contribuições preciosas sobre a importância ética da fenomenologia, principalmente do fundo socrático que a anima. Creemos que a frase que ele enuncia vale tanto para Husserl quanto para Sócrates, interpelando-nos ainda hoje a aprofundar a motivação ética do pensar: “A verdade nunca deve ser cúmplice da perversidade. A presença do mal é necessariamente sintoma de que a verdade foi banida ou tergiversada” (García-Baró, 2019, p. 20).

² A expressão de Roberta Monticelli inspira nossa investigação. Segundo ela, ao lado do notável desejo de refundar as bases cognitivas do pensamento teórico, Husserl estaria aspirando com enorme vigor e determinação a uma refundação cognitiva do pensamento prático, isto é, do juízo de valor em todos os campos de nossa existência. Isso atravessa o programa inteiro da fenomenologia e consiste, segundo a autora, em sua maior glória (cf. Monticelli, 2018, p. 37).

livro é, por sua vez, dependente do papel de que faz parte, não só por uma limitação de fato, mas por uma lei de essência (cf. Husserl, 2012, p. 203).

Ora, o referido vínculo não nos é dado como algo empírico, mas sim como algo ideal. Trata-se de uma necessidade lógica. O “ser dado” significa “ser estruturado” ou “ser organizado”. Isso pode ocorrer em percepções, valorações, idealizações, etc. “Cada coisa real *solicita* ser dada de um certo modo e não de outro. Cada coisa real é uma fonte de normatividade. O dom dos vínculos é o dom das essências” (Monticelli, 2018, p. 76. *Itálico da autora*). Dados não empíricos estão pressupostos em qualquer conteúdo empírico. O *a priori*, no caso, não é dado por nós, não é construído por nós. Eis por que, em cada situação cognitiva, há possibilidades insuspeitáveis de aprendizagem e aventuras³. Um exemplo na esfera valorativa: “Todo bem novo exhibe aspectos novos do mesmo valor: toda coisa bela exemplifica aspectos diversos da beleza e relações com outros valores: a graça, ou o vigor, ou a simplicidade” (Monticelli, 2018, p. 97).

Daí poder-se dizer que a razão não é entendimento ou intelecção simplesmente, mas disponibilidade, compromisso prático e teórico. Racionalidade como prática de liberdade! Que é o ser humano que pensa? “Um animal normativo” cuja vida “é atravessada pela dúvida crítica” (Monticelli, 2018, p. 159). Por quê? Porque os dados de nossas experiências não nos vêm passivamente. Eles nos confrontam, exigindo de nós tomadas e posição. O que nos vem doado nos interpela, clama por uma resposta, que pode ou não ser adequada. Tudo o que fazemos, falamos, pensamos, percebemos ou sentimos está atravessado por uma consciência normativa. É possível buscar correção quanto a eles. Esses atos podem ser “comprovados”. Nem mesmo o mundo dos valores encontra-se imune aos domínios do conhecimento, vale dizer, à busca de evidência. Eis o ideal socrático de uma cultura fundada na razão. Mas não numa razão fechada e fria, e sim numa racionalidade generosa e aberta a seu outro. Normatividade sob a forma de “renovação moral cotidiana e, num certo sentido, como eterna juventude” (Monticelli, 2018, p. 183).

Em toda atitude teórica há uma orientação prática. Como seres humanos, estamos todos inseridos num sistema de fins. Mesmo uma teoria rígida como a euclidiana vincula-se à ideia de teoria universal e racional. Ela está, goste-se disso ou não, comprometida com a razão em sentido prático. Todos os objetivos supremos, mesmo aquele da teoria, estão submetidos ao fim supremo e ideal: não pode prescindir da relação com um “devido” em sentido absoluto⁴. Em Sócrates, o que evidencia tal exigência é a direção prática para o Bem, no âmbito da vida moral. O que importa é a constante pergunta pela perfeição espiritual. Nesse percurso para o Bem, conhecimento teórico, vontade e afetividade não se separam. Nem mesmo o prazer fica de lado quando se trata de buscar a harmonia da vida psíquica, conforme as leis do valorar e do querer. Na busca do Bem, importa o que sentimos, fruímos e desejamos, com vistas à felicidade (cf. Husserl, 2009, p. 37).

³ Husserl fala em doutrinas materiais. Há “outras lógicas” que é preciso fundar. São as disciplinas apriorísticas materiais, relacionadas a uma ontologia mundana, a um mundo de “experiência pura” que precede toda ciência mais elevada (cf. Husserl, 1996, pp. 386-386). Para Romano, trata-se da ideia de uma racionalidade ampla, generosa, capaz de acolher nela o seu outro. “Esta ideia, que confere à sensibilidade e à práxis um patamar equivalente àquele do pensamento discursivo na compreensão e na determinação da inteligência humana, me parece possuir um alcance que a filosofia contemporânea está longe de haver alcançado” (...) (Tarek/Hackett/Romano, 2012, p. 197).

⁴ A afirmação do filósofo nos parece decisiva: “Se o exercício do interesse teórico, se o pensamento e a pesquisa científica possuem um direito último, que deve ser valorizado como ramo da vida humana individual e social, então eles devem satisfazer os princípios éticos, as normas do dever absoluto” (Husserl, 2009, § 3, p. 18).

2 DESCOBRINDO A LÓGICA DA AFETIVIDADE

O ser humano é um ser normativo. Ele sempre pode perguntar, de algum modo, pela regulação de sua vida sob o ponto de vista da razão. Tudo o que ele faz, mesmo a ciência mais rigorosa, liga-se ao campo da Ética, “ciência da completa vida ativa de uma subjetividade racional sob o ponto de vista da razão” (Husserl, 2014, p. 24). O filósofo investiga, na Ética, aquilo que importa para todo ser humano que busca sentido e coerência em sua existência: a reflexão sobre sua vida e seus atos. Todos nós, em algum momento, perguntamos sobre “o que estamos fazendo”, ou “como estamos agindo”. Perguntamos se isto tudo está ou não em consonância com o bem, com o valioso e com a correção. Podemos até mesmo ir mais longe, distanciando-nos do “aqui e agora”, colocando perguntas na pura generalidade: “Como devo viver?” O que caracteriza o ser humano é o esforço para ter uma vida que tenha sentido ou, pelo menos, que seja satisfatória.

Pelo querer, podemos dar à vida uma *forma* racional. Pertence à essência do ser humano estar motivado para a verdade, o bem, o justo. Queremos sempre realizar algo que nos move profundamente, seja na ciência, na arte, no pensamento, na inquietação pelo absoluto, na vida familiar, no convívio intersubjetivo, na vida social, etc. Posso admirar valores que me fazem reconhecer tantos caminhos de vida possíveis, mas, no que diz respeito a mim mesmo, a beleza está na escolha de vida, ou seja, em poder amar certos valores como sendo *meus*, “a partir do centro mais íntimo de minha personalidade – ‘com toda a minha alma’” (Husserl, 2014, p. 33).

Husserl argumenta no sentido de mostrar a aproximação da esfera prático-valorativa à esfera teórica. Sensibilidade e sentimentos podem ser considerados a partir de necessidades eidéticas. Há leis *a priori* que devem valer para a sensibilidade e o sentimento. O reino da razão é vasto e aberto. O sentimento não é um mero dado natural na organização de nossa mente, pois existem leis *a priori* para eles. É fundamental compreender o “sentir” segundo sua própria essência. Pode-se, portanto, falar de uma lógica do sentimento, assim como ocorre na esfera do juízo teórico. Por exemplo: o ser humano é capaz de realizar atos “puros” de amor ao próximo. Atos baseados na empatia intuitiva. Atos que nos fazem mergulhar no coração da vida interior. Os valores são “percebidos”! “Sabemos” da alegria interior e profundamente empática que vivenciamos. “Vemos” que ela está unida a uma nobre alegria, incapaz de ser descrita pela atitude sensualista. “O sentir é uma esfera dotada de uma normatização própria” (Husserl, 2009, § 45, p. 224).

Também os sentimentos pertencem ao reino da razão. Daí poder-se dizer que existe uma relação notável entre amor e normatividade, de tal modo que um termina transbordando sobre o outro. O “eu” não é um polo frio e sem vida. Não! O “eu” é um polo de afecções e ações. A vida consciente é atravessada por um núcleo de aspiração. Dizer intencionalidade pressupõe uma formação de aspiração e de vontade. No amor, queremos formar uma comunidade, uma união, uma vida em comum em que as aspirações de duas existências se interpenetram. Posso acolher o que o outro, que amo, aspira, mesmo que a aspiração seja dele. Minha própria realização depende deste acolhimento. Tudo o que eu penso, sinto e faço está diretamente relacionado ao bem e à justiça que devo a ele. Os amantes vivem um no outro, ligam-se de modo solidário, até mesmo em seus erros (cf. Husserl, 2001, pp. 273-274).

Há, no entanto, mais. O ideal cristão de amor inquieta e fascina Husserl. Um tipo de amor que ele chama de ético, pois é capaz de ultrapassar o âmbito do amor que vigora numa erótica

convencional. Nesta segunda forma de amor, o projeto ou as aspirações do outro não precisam ser acolhidas por um “eu”. Um pai que ama um filho não necessita acolher as aspirações de vida de seu filho para amá-lo. Do mesmo modo, quando vemos um amigo distanciar-se do caminho de uma autêntica ipseidade, ficamos tristes por ele, mas nem por isso deixamos de amá-lo. Como definir o amor em sentido ético? Como o núcleo de nossa alma voltado para o bem. No caso, nosso próprio “eu” está em questão aí. O “eu” precisa ser realizado, desenvolvido, afluído, e isto só é possível por nossas ações. Uma vida se considera realizada, ou não, graças ao nosso agir. Sócrates não diria outra coisa. Amar eticamente é amar verdadeiramente. Husserl, por sua vez, fala de uma tarefa infinita, a busca de se ultrapassar a condição mundana a partir de um “eu ideal”. “Eu” que escolhe conscientemente viver na busca amorosa, que nasce de uma relação com outrem e, por isso mesmo, que combate, luta e desperta para uma autêntica ipseidade (cf. Husserl, 2001, p. 275).

Trata-se de amor como cuidado do outro, compromisso com a comunidade, dever de agir e viver com vistas à inteira humanidade. O amor ético aspira a se fazer comunidade de amor no mais alto grau possível (cf. Husserl, 2001, p. 275). Tudo se passa como se o processo em direção ao bem não pudesse prescindir da ajuda divina⁵. Ora, se o amor ético se identifica com uma perspectiva eminentemente cristã, não estaríamos com isso atingindo os limites da fenomenologia, ultrapassando o “dom dos vínculos” para entrar nos domínios de um “invisível”? Se o amor ético é indispensável para o desenvolvimento da humanidade, e se isto nos conduz a uma abordagem da relação com o divino, talvez estejamos chegando aos limites e ao núcleo do pensamento fenomenológico. Seria correto afirmar que a resposta última de Husserl para o problema ético seja de caráter “religioso”? Questão difícil e delicada, mas que merece reflexão. Nós o faremos com a ajuda do próprio Husserl.

Vimos que a fome de evidência é comum a Sócrates e Husserl. Dissemos também que a busca da verdade não se desvincula de uma compreensão ética de razão, segundo a qual a busca do bem exige de nós atenção aos movimentos contrários a ele. Afinal, sempre podemos ser cúmplices de tantas perversões. Se o mal se expande pelo mundo (lembramos das guerras e da violência), temos o sintoma mais claro de que a verdade não foi posta como valor fundamental e vital. O valor de uma vida examinada, o apreço pelo ideal de comunidade com cidadãos livres, a inquietação pela justiça e pela vida plena, eis uma orientação socrática de vida que aparece com muita força em Husserl. Não possuo a verdade, mas devo viver buscando-a, numa aspiração sem fim. Estamos sempre a caminho. Temos recursos que nem mesmo imaginávamos possuir. Cometemos erros. Experimentamos a frustração e o fracasso. Mas nada disso deve nos acovardar. Nas palavras de Gracia-Baró:

Quando perdem sua inspiração existencial e até religiosa, as ciências perdem de vista o ideal de vida segundo a razão autônoma, permanecem sem alma, convertem-se em meras tecnologias a serviço do poder (...). As expressões morais e os esforços políticos de Husserl representam a mais pública renovação do socratismo (García-Baró, 2019, p. 31).

⁵ O comentário de Angela Ales Bello nos parece, aqui, muito oportuno: “O aperfeiçoamento moral que se realiza através de uma consciência de si de caráter racional, e que comporta uma abertura de si em direção aos outros, superando o momento da simpatia para alcançar o amor pelo inimigo, está estreitamente ligado à presença da divindade, à sua intervenção no próprio processo de aperfeiçoamento” (Ales Bello, 2022, p. 72).

Socratismo que será relido a partir de uma época muito diferente daquela vivida pelo grande filósofo grego. A crise da Europa que Husserl experimentou de perto o fez tomar consciência dos desastres de um mundo cultural em plena decadência ou descrença em seus próprios valores. De nossa parte, propomos considerar mais de perto aspectos existenciais dessa crise. Se a felicidade em sentido husserliano está ligada a um projeto existencial e humano direcionado ao Bem, há que se considerar não apenas o esforço moral de contribuir para tal projeto, mas de perguntar sobre o fracasso sempre iminente de tudo o que buscamos realizar a fim de preencher a *forma* racional de vida com nossa experiência pessoal. Trata-se do motivo das grandes dores do mundo e da humanidade, que levaram céticos apaixonados a uma leitura pessimista da história e do homem⁶.

3 ENFRENTANDO O NIILISMO

O ser humano age sempre guiado por valores. Qual seria o sentido mais elevado dessas ações? Aquele relativo a pessoas. São as pessoas que se perguntam por exigências absolutas, que desejam se aperfeiçoar seguindo valores, que aspiram a caminhar para a “perfeição”. Husserl fala de esforço de vida, no amor absoluto. Trata-se do puro amor em expansão, num crescente aprimoramento com vistas à felicidade, ao verdadeiro, ao espiritual (cf. Husserl, 2022, p. 125). A vida que caminha em consonância com uma exigência absoluta, que se assume como consciência de si, não tem limites. Mas o fato de que o sujeito pessoal pode seguir a própria “consciência” apenas significa que ele deve enfrentar o lado sombrio da existência. A vida humana encontra-se rodeada por uma sombra. Afinal, viver significa experimentar em qualquer momento o fracasso, a dor, o desespero, a dúvida profunda, a possibilidade da morte⁷. O amor ético, tão apreciado e defendido por Husserl, vai de par com a fragilidade e a vulnerabilidade do ser humano. Imbuído de amor e generosidade, o sujeito ético luta heroicamente com a sombra, recusando-se a reconhecer a ausência de sentido. E, no entanto, uma pedra sempre pode surgir no meio do caminho. “A mãe quer educar o filho amado, ou seja, quer realizar nele a forma do amor projetada. Mas o menino morre e, assim, uma fratura incurável entra na sua esfera emotiva” (Husserl, 2022, p. 125).

O esforço, realizado de modo tão belo e dedicado, em conformidade com a consciência do dever, se descobre contrastado e impactado por um acontecimento que abre no sujeito ético uma ferida incurável. Tudo parece ter sido em vão. O valor ideal deixa de ser uma verdade prática. Isso vale para tantas situações humanas. A guerra destrói crianças e adultos, a violência se espalha e ganha uma

⁶ Por vezes, Husserl parece estar respondendo a um pessimismo semelhante ao de Cioran. Pensamos que avançamos para a luz e o Bem, mas logo em seguida percebemos que “em vão buscávamos perseguir um trajeto para um fim ensolarado, que as trevas se dilatam ao redor e dentro de nós (...). O abismo nos chama e nós o escutamos” (Cioran, 1995, p. 59).

⁷ A razão que Husserl defende nunca é totalizante e totalitária. O filósofo se mostra sensível à irrupção do “irracional” no mundo: doenças, o acaso, o absurdo, a morte. Temos consciência de nossa imperfeição e de nossa insatisfação. Não podemos ter certeza de que obteremos êxito na trajetória. Podemos apenas combater confiando no ideal. Temos a ideia de um conhecimento perfeito, o poder de guiar a vida pelo ideal de perfeição. Nesse sentido, Husserl se aproxima também de Kant: “A sabedoria é a razão prática voltada ao Bem supremo, sabedoria essa que somente Deus poderia possuir plenamente. Na vida humana, o que se pode e se deve é simplesmente não agir de modo contrário a tal ideia. Avançamos pouco a pouco, mudamos às vezes nosso plano, e nunca alcançamos plenamente a referida ideia. Eis por que a filosofia jamais se fixa num sistema (cf. Kant, 1985, p. 170).

dimensão de horror. No mundo inteiro, ódio por todos os lados. Desprezo pelo outro ser humano. Indiferença generalizada pelo bem comum. Tudo o que surgia como valor absoluto leva o sujeito a pensar que seu sacrifício foi ou está sendo inútil.

Não poderia ser que tudo o que nos pertence, também a humanidade como um todo, estejam sob o estigma desse “em vão”? (...). Não perde a vida humana o seu sentido se todos os objetivos da vida permanecem sem um significado absoluto, sem um significado de eternidade absoluto? Não vivemos hoje num tempo de vitória da vilania e do ódio sobre as forças tênues do amor absoluto? (Husserl, 2022, p. 125-126).

Pensamos que a resposta de Husserl ao sentimento niilista, que pode corroer a existência bem intencionada, não é secundária ao programa fenomenológico como um todo. Segundo Roberta Monticelli, a pergunta sobre a normatividade em sentido ético, vale dizer, o tema da ação, é central para Husserl, até mesmo quando discute questões puramente lógicas. Sabe-se que o filósofo deu um curso sobre ética e filosofia do direito, em Halle. O ano era 1897. Ele falava sobre as fontes da justificação e das normas. Inquietava-se com a figura de Nietzsche. Monticelli afirma que a primeira forma de ceticismo que impactou fortemente sobre Husserl não foi a teórica, mas sim a forma prática. Husserl se perguntava se as leis éticas eram legitimadas apenas por poderes religiosos ou estatais. Mais uma vez, a figura de Sócrates lhe vem em auxílio. Falava a seus alunos sobre a origem ética (isto é, socrática) da filosofia. “Por toda a vida, o professor Husserl fala a seus alunos através de seu Sócrates, ou faz falar o próprio Sócrates (...)” (Monticelli, 2018, p. 121). A preocupação nuclear de Husserl seria, assim, a de fundamentar o pensamento prático. Ele procurava oferecer à ética uma fundação teórica e racional. “Pede ajuda à razão lógica para responder a uma dúvida relacionada à razão prática” (Monticelli, 2018, p. 122). A atitude cética de Nietzsche com respeito à verdade tem implicações para o âmbito prático do homem europeu. A resposta a essa repercussão ética do ceticismo seria, portanto, uma das preocupações mais decisivas da proposta fenomenológica nascente.

Tendência que permanece nos escritos de maturidade, assumindo uma característica espiritual forte. A crença na razão tem implicações éticas profundas. Do mesmo modo que Sócrates, Husserl põe o “serviço divino” acima de tudo o mais. A sabedoria humana é ínfima diante da sabedoria que somente a divindade possui. Toda a vida de Sócrates foi posta a serviço dessa busca. Os frutos que ele colhe são muitos, mas a perseguição que recebe e as renúncias que teve de fazer o conduziram ao tribunal, levaram-no diretamente à morte (cf. Platão, 2015, 22 a – 23 b, pp. 103-107). Sócrates e Husserl: dois filósofos que olharam a morte nos olhos, mas sem debandar do seu posto. Homens éticos que permaneceram firmes até o fim. Tiveram uma confiança ético-existencial na divindade. Tudo está no ato de decidir enfrentar a vida, de encontrar recursos em si mesmo, apesar da fragilidade que nos constitui como humanos. Recursos esses que nem mesmo sabíamos possuir. O que vale para a filosofia e sua grandiosa tarefa, vale para o existir humano em sua forma mais pessoal e limitada. Tenho tempo. Tenho recursos, na minha própria precariedade, para as tarefas que responsabilizam para além de meus medos e meu egoísmo.

Vemos pessoas queridas que envelhecem e perdem a consciência, a personalidade, a identidade. Sei que não devo perder a visão voltada para o meu dever. E quanto à morte? Ela me solidariza com o outro ser humano, com toda a humanidade e, finalmente, com tudo o que vive. Minha morte não interrompe o fluxo da vida, não elimina a vida de tantas pessoas que virão e viverão depois de mim,

que formarão outras gerações (cf. Husserl, 2022, p. 130). É então que se pode dizer: não apenas estamos a serviço da divindade, uma vez que a própria força divina age em nós, tornando-se nossa própria força (cf. Husserl, 2022, p. 130).

Sócrates temia, mais do que tudo, cometer injustiça, prejudicar alguém, fechar os olhos para os males do mundo. Ensino presente em Husserl, que nos adverte sobre a necessidade de enfrentarmos as potências do mal presentes no mundo. Mesmo que tais potências sejam insuperáveis, é preciso assumir a luta, continuar combatendo. Ora, viver no amor é como superar o destino. A exigência mais alta é a fé. Os poderes da irracionalidade não podem ser vencidos sem ela. A mundanidade em sentido inferior depende de uma atitude de confiança e de crença. E isto significa: dizemos sim à vida, mesmo diante das tribulações (cf. Husserl, 2022, p. 138). Que entender por fé? Uma exigência de nossa condição humana. Ela é a condição para se vencer a atitude escrava na qual vivemos passivamente. Sem a fé, não podemos ter verdadeiramente confiança em nós mesmos. Que significa viver a partir da fé? Possuir uma vida “desperta”, que descobriu o valor de um trabalho sobre si mesmo. Significa entrar no reino da própria liberdade (cf. Husserl, 2022, p. 153). Na medida em que existo como humano, tenho o pressentimento de Deus em mim, mas sem a correspondente visão intuitiva (cf. Husserl, 2022, p. 160). De nossa parte, afirmamos e enfatizamos: podemos viver pelo “invisível”.

Como isto se dá? Quando se descobre que o amor ético é maior do que o mistério da morte. Há vidas que importam tanto ou mais que a minha. O que Sócrates ensina é que o mistério do bem é maior que o mistério da morte. Husserl socrático: pleno reconhecimento de que temos responsabilidade por um mundo que vem depois de nós, um mundo melhor. Nunca estamos plenamente na boa consciência, pois há sempre um novo começo por realizar. Uma nova *epoché*, uma exceção pela qual descobrimos nossa liberdade e nossa responsabilidade. O que queremos quando visamos o “invisível”? De que falamos quando se fala de Deus? O que visamos quando buscamos o Bem? A essas indagações, respondemos na primeira pessoa: “Eu, que não sou bom, concebo neste momento a plena ideia da vida na responsabilidade, e começo seriamente a me ocupar da tarefa infinita de Sócrates” (García-Baró, 2019, p. 95).

REFERÊNCIAS

- ALES BELLO, A. “La via oltre le ontologie. L’ontologia del mondo della vita”. In: HUSSERL, E. **La preghiera e il divino. Scritti ético-religiosi**. Trad. Angela Ales Bello, Roma: Studium, 2022 (pp. 69-76).
- CIORAN, E. **Breviário da decomposição**. Trad. José Thomaz Brum, Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- GARCÍA-BARÓ- M. **La metafísica y la prudência**. Madrid: Real Academia de Ciencias Morales y Políticas, 2019.
- HUSSERL, E. **Logique formelle et logique transcendantale** (4ª ed.). Trad. Suzanne Bachelard, Paris: PUF, 1996.

Husserl socrático: Leitura ético-existencial da fenomenologia
FABRI, Marcelo

HUSSERL, E. – “L’idea di una cultura filosofica”. *In: Crisi e rinascita della cultura europea*. Trad. Renato Cristin, Venezia: Marsilio Editori, 1999.

HUSSERL, E. **Sur l’intersubjectivité II**. Trad. Natalie Depraz, Paris: PUF, 2001.

HUSSERL, E. **Introduzione all’etica** (Lezione del semestre estivo 1920/1924). Trad. Francesco Saverio Trincia: Roma-Bari: Laterza, 2009.

HUSSERL, E. **Investigações Lógicas**, vol. 2, parte 1: Investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento. Trad. Pedro M.S. Alves e Carlos Aurélio Morujão, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

HUSSERL, E. **Europa: crise e renovação**. Trad. Pedro M.S. Alves e Carlos Aurélio Morujão, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

HUSSERL, E. **La preghiera e il divino. Scritti ético-religiosi**. Trad. Angela Ales Bello, Roma: Studium, 2022.

KANT, I. **Textos seletos** (2ª. ed.). O fim de todas as coisas. Trad. Floriano de Sousa Fernandes, Petrópolis: Vozes, 1985 (pp.154-181).

MONTICELLI, R. **Il dono dei vincoli**. Per leggere Husserl, Milano: Garzanti, 2018.

PLATÃO. **Diálogos (Górgias)** (2ª ed.) Trad. Carlos Alberto Nunes, Belém: EDUFPA, 2002.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates** (3ª ed. rev. e bilíngue). Trad. Carlos Alberto Nunes, Belém: EDUFPA, 2015.

TAREK, R.D./HACKETT, W.C./ROMANO, C. “Les concepts fondamentaux de la phénoménologie – Entretien avec Claude Romano”. *In: Journal of French and Francophone Philosophy - Revue de la philosophie française et de langue française*, Vol XX, N. 2 (2012), pp. 173-202.